

**LINGÜÍSTICA APLICADA À ALFABETIZAÇÃO:
CONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA**

Rosana Ferreira Alves (UESB)

alzana70@yahoo.com.br

Glauce Maciel Barbosa Pereira (UNEB)

glaucemaciel13@hotmail.com

RESUMO

A alfabetização é um processo complexo que envolve não apenas o ensino da codificação e decodificação de sinais gráficos, mas também a compreensão e a construção do sentido textual. A Linguística Aplicada contribui significativamente para essa área ao fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem da leitura. Este artigo, considerando teóricos da Linguística, da Linguística Aplicada e da área de Pedagogia, discute a interface entre a Linguística Aplicada e a alfabetização, enfatizando abordagens que favorecem a compreensão leitora e o desenvolvimento da consciência fonológica, semântica e pragmática nos alunos.

Palavras-chave

Alfabetização. Compreensão textual. Aquisição da leitura.

ABSTRACT

Literacy is a complex process that involves not only the teaching of encoding and decoding graphic symbols, but also the understanding and construction of textual meaning. Applied Linguistics makes a significant contribution to this area by providing theoretical and methodological support for the effective teaching and learning of reading. This article, drawing on theorists from Linguistics, Applied Linguistics, and Pedagogy, discusses the interface between Applied Linguistics and literacy, emphasizing approaches that promote reading comprehension and the development of phonological, semantic, and pragmatic awareness in students.

Keywords

Literacy. Reading acquisition. Text comprehension.

1. Introdução

A alfabetização é tradicionalmente compreendida como o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, centrado na codificação e decodificação de sinais gráficos, ou seja, na relação entre fonemas e grafemas. Esse processo envolve a aquisição das habilidades de leitura e escrita iniciais, essenciais para que a criança aprenda a reconhecer e escrever palavras e frases, compreendendo, assim, o funcionamento básico da língua escrita. De acordo com Emília Ferreiro (1997), a alfabetização

é entendida como uma construção do conhecimento sobre a língua escrita, que se dá por meio da interação da criança com o ambiente letrado, favorecendo a formação do sujeito leitor e escritor.

Por outro lado, o letramento vai além da simples aprendizagem das técnicas de leitura e escrita e está relacionado à capacidade de utilizar a leitura e a escrita de maneira significativa e crítica no cotidiano, em diferentes contextos sociais e culturais. Soares (2003) define o letramento como o uso social da leitura e da escrita, em que o sujeito é capaz de compreender e produzir textos com uma visão mais ampla, considerando as práticas de leitura e escrita que ocorrem na sociedade. Assim, o letramento implica o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais mais complexas, que envolvem não apenas decodificar e compreender textos, mas também interpretar e produzir sentidos em diversos gêneros textuais.

É possível perceber que enquanto a alfabetização se refere ao aprendizado inicial da leitura e da escrita, o letramento engloba a aplicação dessas habilidades em contextos diversos, indo além das técnicas de decodificação e interpretação básica. No processo de letramento, a leitura e a escrita são vistas como práticas sociais que exigem do indivíduo a capacidade de analisar, refletir e atuar sobre os textos que consome e produz. Paulo Freire (1981) destaca que o letramento deve ser voltado para a transformação social, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, o sujeito letrado é aquele que consegue interpretar a realidade e transformar o seu entorno a partir da leitura crítica do mundo e dos textos.

Assim, enquanto a alfabetização se foca no aprendizado técnico e inicial das habilidades de leitura e escrita, o letramento está mais relacionado ao uso dessas habilidades para interagir criticamente com a sociedade. A alfabetização é um primeiro passo, mas o letramento envolve a capacidade de utilizar a escrita e a leitura para pensar, agir e transformar o mundo. O letramento, portanto, se dá a partir do desenvolvimento das habilidades adquiridas na alfabetização, sendo fundamental para a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade.

A psicolinguística, representada por autores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), destaca a importância do desenvolvimento cognitivo no processo de alfabetização, enfatizando a construção ativa do conhecimento pela criança. Já a sociolinguística, com estudiosos como William Labov (1972) e Marcos Bagno (2003), contribui para a compreen-

são da variação linguística e sua relevância na educação, reforçando a necessidade de abordagens inclusivas e contextualizadas no ensino da leitura. Por fim, a teoria do discurso, representada por Michel Foucault (1969) e Mikhail Bakhtin (1981), auxilia na compreensão da leitura como um processo interacional e dialógico, no qual o leitor constrói significados a partir de sua experiência e do contexto sociocultural.

Além disso, a teoria linguística de Noam Chomsky (1965), com seu conceito de Gramática Universal (GU), tem implicações importantes para o entendimento do processo de aquisição da linguagem. Chomsky argumenta que os seres humanos possuem uma capacidade inata de aprender a linguagem, o que implica que a competência linguística está presente desde o nascimento e é ativada pelo contato com o ambiente linguístico. Nessa perspectiva, a GU fornece a base para que as crianças adquiram qualquer língua à medida que interagem com ela. Este conceito é fundamental no ensino da leitura, pois reforça a ideia de que, à medida que as crianças são expostas a textos e a linguagem escrita, elas já possuem, em seu repertório cognitivo, as estruturas necessárias para entender e produzir linguagem de forma eficaz. O desenvolvimento da competência linguística, que se manifesta na capacidade de entender e gerar frases, é essencial para a alfabetização e para a construção de sentidos durante a leitura.

A visão de Paulo Freire sobre a leitura do mundo também se torna central. Freire (1996) argumenta que “a leitura da palavra precede a leitura do mundo”, significando que o aprendizado da leitura vai além da técnica de decodificação, envolvendo também a capacidade de interpretar e transformar a realidade social, política e cultural. A leitura da palavra, segundo Freire, é um meio de perceber e atuar no mundo, permitindo que o aluno desenvolva uma visão crítica e transformadora da realidade.

2. *A Importância da Linguística Aplicada na formação do alfabetizador*

A Linguística Aplicada tem desempenhado um papel fundamental na formação de professores alfabetizadores ao oferecer aportes teóricos e metodológicos que articulam linguagem, ensino e prática pedagógica. Longe de ser uma área puramente técnica, a Linguística Aplicada se caracteriza como um campo interdisciplinar voltado à resolução de problemas reais relacionados ao uso da linguagem, especialmente no contexto educacional (Moita Lopes, 2006). Sua contribuição para a alfabetização

está em promover uma visão crítica e contextualizada da linguagem, entendendo o processo de ensinar a ler e escrever como uma prática social, cultural e política.

Ao considerar os sujeitos, suas identidades, seus repertórios linguísticos e os contextos de uso da língua, a Linguística Aplicada permite que o alfabetizador compreenda a complexidade do ato de ler e escrever. Ela rompe com a perspectiva puramente estrutural da língua e contribui para a superação de práticas pedagógicas centradas na repetição e na memorização. Em vez disso, propõe-se uma abordagem que valorize o letramento, ou seja, a inserção dos aprendizes nas práticas sociais de leitura e escrita, com sentido e função no cotidiano (Kleiman, 2005).

Assim sendo, a Linguística Aplicada oferece fundamentos para que o professor reflita sobre as diferentes metodologias de alfabetização e os múltiplos letramentos que permeiam o ambiente escolar. Isso é especialmente relevante em contextos de diversidade linguística e cultural, como o brasileiro, em que o respeito às variações e à linguagem dos alunos é essencial para garantir uma alfabetização mais inclusiva. A formação do alfabetizador, nesse sentido, precisa contemplar conhecimentos sobre os usos da linguagem, as relações de poder que os atravessam e os processos de construção de sentido.

Portanto, a Linguística Aplicada contribui não apenas para o domínio técnico da língua, mas, sobretudo, para a formação crítica do alfabetizador, capacitando-o a atuar de forma reflexiva, sensível às especificidades de seus alunos e atento aos desafios sociais e políticos que envolvem o ensino da leitura e da escrita. Essa perspectiva favorece uma prática pedagógica mais comprometida com a transformação social, com a valorização da linguagem como instrumento de participação cidadã e com a promoção da equidade no acesso ao saber.

Assim, a Linguística Aplicada oferece uma compreensão detalhada dos mecanismos cognitivos e sociais envolvidos no processo de leitura e escrita, desempenhando um papel fundamental na alfabetização. Entre suas contribuições mais relevantes, destacam-se o estudo da consciência fonológica, a análise do processamento lexical e a compreensão dos aspectos pragmáticos e semânticos da linguagem. Essas áreas proporcionam uma base sólida para o ensino de leitura e escrita, permitindo uma abordagem mais eficaz e inclusiva.

2.1. Consciência fonológica

A consciência fonológica refere-se à capacidade de perceber, identificar e manipular os sons da fala, o que é fundamental para o processo de alfabetização. Essa habilidade envolve o reconhecimento de fonemas (sons) e sua correspondência com grafemas (letras ou grupos de letras). É uma das primeiras habilidades cognitivas que a criança precisa desenvolver para ler e escrever de forma eficaz.

Teóricos como Ferreiro e Teberosky (1985), com sua abordagem psicogenética, enfatizam a importância da consciência fonológica no processo de construção do conhecimento sobre a língua escrita. Elas afirmam que, ao aprender a ler, as crianças devem passar por diferentes estágios, nos quais desenvolvem gradualmente a capacidade de reconhecer as relações entre sons e símbolos gráficos. Além disso, Stanislas Dehaene (2012) em seu estudo sobre os neurônios da leitura, explica que o cérebro é neurologicamente preparado para identificar e processar fonemas, destacando como a prática da consciência fonológica ativa certas regiões cerebrais cruciais para o reconhecimento de palavras.

2.2. Processamento lexical

O processamento lexical é um dos processos centrais para a fluência leitora, sendo responsável pela rapidez e precisão com que uma pessoa reconhece e compreende as palavras escritas. A leitura fluente depende de um processamento lexical eficiente, que permite ao leitor identificar palavras sem esforço consciente, de forma quase automática.

Marilyn J. Adams (1990), em seu trabalho sobre a leitura inicial, explica que o desenvolvimento do processamento lexical envolve a formação de representações mentais de palavras e o fortalecimento das conexões entre fonemas e grafemas, bem como a associação dessas representações a significados.

O domínio desse processamento permite ao leitor avançar rapidamente para níveis mais profundos de compreensão. Além disso, Walter Kintsch (1998) discute o conceito de “processamento de palavras” em seu modelo de compreensão leitora, destacando que, à medida que o leitor ganha proficiência, o processamento lexical se torna mais automatizado e eficiente, facilitando a construção de significados mais complexos a partir do texto.

2.3. Pragmática e Semântica

A pragmática e a semântica desempenham um papel crucial na compreensão textual, permitindo que o leitor não apenas entenda o significado literal das palavras, mas também interprete o sentido contextual e os objetivos comunicativos subjacentes no texto. A semântica refere-se ao estudo do significado das palavras e frases dentro de um contexto linguístico.

Michel Foucault (1969), ao explorar a relação entre linguagem e poder, destaca que a semântica não se limita à estrutura formal das palavras, mas está profundamente conectada às relações sociais e ideológicas que moldam seu uso. O entendimento semântico, portanto, exige que o leitor interprete as palavras e as frases de acordo com seu contexto social e cultural, algo essencial para a construção de uma leitura crítica.

A pragmática, por sua vez, trata do uso da linguagem em contextos sociais específicos e envolve a compreensão das intenções do falante ou do escritor. Mikhail Bakhtin (1981), ao discutir a teoria do discurso, salienta que a leitura é um ato interativo no qual o leitor não apenas decodifica palavras, mas participa ativamente da criação de significados, levando em conta o contexto social e cultural do discurso. A aplicação desses conhecimentos pragmáticos e semânticos na alfabetização pode ajudar os alunos a desenvolver uma leitura mais profunda e crítica, permitindo que eles compreendam não apenas as palavras, mas também as intenções e os significados implícitos no texto. Assim sendo, a Linguística Aplicada contribui substancialmente para a alfabetização ao fornecer ferramentas para compreender os processos cognitivos e sociais envolvidos na leitura e escrita.

O estudo da consciência fonológica, do processamento lexical e dos aspectos pragmáticos e semânticos é essencial para a construção de leitores competentes e críticos, capazes de compreender e interpretar textos de forma autônoma e significativa.

3. Processos cognitivos na construção da leitura

A cognição pode ser compreendida como o conjunto de processos mentais envolvidos na aquisição, organização, armazenamento e utilização do conhecimento. Trata-se da capacidade do cérebro humano de processar informações oriundas de estímulos internos e externos, resultando em compreensão, pensamento e ação. Entre os principais processos cog-

nitivos, destacam-se a atenção, a percepção, a memória, a linguagem, o raciocínio, a tomada de decisão e a aprendizagem. Todos esses mecanismos são fundamentais para a interação do sujeito com o mundo, permitindo que ele compreenda seu ambiente, elabore estratégias, resolva problemas e desenvolva habilidades sociais e intelectuais.

Do ponto de vista neurocientífico, a cognição envolve múltiplas regiões cerebrais que atuam de maneira integrada. O córtex pré-frontal, por exemplo, é responsável por funções como o planejamento, a atenção e o controle inibitório. O hipocampo atua na formação de novas memórias, enquanto o lobo parietal participa da percepção espacial e do raciocínio matemático. Já o lobo temporal é essencial para o processamento da linguagem e para o reconhecimento de padrões, ao passo que o cerebelo contribui para a coordenação entre funções cognitivas e motoras (Kandel *et al.*, 2014).

Segundo Dehaene (2012), a cognição pode ser vista como um sistema altamente organizado, resultado tanto da evolução biológica quanto das influências culturais. Em seus estudos sobre a leitura, o autor demonstra que o cérebro humano, embora não tenha evoluído especificamente para essa função, é capaz de “reciclar” áreas visuais previamente destinadas ao reconhecimento de objetos, adaptando-as para o reconhecimento das letras e palavras. Assim, funções cognitivas complexas, como a leitura e o cálculo, são compreendidas como construções culturais que reorganizam circuitos cerebrais preexistentes.

Desse modo, a cognição representa um elo entre o funcionamento neural e as capacidades mentais superiores, constituindo o alicerce das atividades intelectuais humanas e da aprendizagem ao longo da vida. A leitura envolve diversos processos cognitivos interligados, que possibilitam ao leitor decodificar e compreender o texto em diferentes níveis. Esses processos incluem:

- **Decodificação:** Trata-se do reconhecimento das correspondências entre grafemas e fonemas, fundamental para a leitura inicial. Estudos de Adams (1990) indicam que a habilidade de decodificação influencia diretamente a fluência leitora, permitindo que o leitor avance para níveis mais profundos de compreensão.
- **Compreensão:** Envolve a elaboração de inferências, a construção de relações semânticas e a ativação do conhecimento prévio do leitor. Segundo Kintsch (1998), a compreensão lei-

tora ocorre quando o leitor é capaz de integrar novas informações ao seu repertório cognitivo, criando significados a partir do texto lido.

- **Interpretação:** Diz respeito à relação entre o texto e o contexto sociocultural do leitor. Bakhtin (1981) destaca que a leitura é um processo dialógico, no qual o leitor não apenas recebe informações, mas interage com o texto, trazendo suas experiências, valores e conhecimentos para a construção de *sentidos*.

4. Processo da leitura sob a ótica da psicologia cognitiva

A obra *Estratégias de leitura*, da psicóloga e educadora espanhola Isabel Solé, publicada em 1998 no Brasil, apresenta uma abordagem inovadora sobre o ensino da leitura, fundamentada em pressupostos da psicologia cognitiva. A autora propõe compreender a leitura como um processo ativo e interativo, em que o leitor desempenha papel central na construção do sentido do texto. Esse entendimento rompe com a visão tradicional de leitura como mera decodificação e reforça a importância das habilidades cognitivas e metacognitivas no processo de compreensão textual.

Solé argumenta que ler envolve formular hipóteses, antecipar informações, relacionar conhecimentos prévios e monitorar constantemente a própria compreensão. Nesse sentido, ela enfatiza que os leitores competentes são aqueles capazes de utilizar estratégias que os ajudem a superar dificuldades, reorganizar o pensamento e adaptar a leitura de acordo com o objetivo em questão.

A leitura, portanto, é apresentada como uma prática estratégica, que exige atenção, planejamento, controle e avaliação – habilidades que podem e devem ser ensinadas em sala de aula. A autora também discute a relevância do objetivo da leitura no desempenho do leitor. Ler para se informar, estudar, resolver problemas ou por prazer demanda estratégias distintas e níveis diferentes de envolvimento com o texto. Essa multiplicidade de propósitos reforça a ideia de que o ensino da leitura precisa ser contextualizado e voltado para a formação de leitores autônomos e críticos.

No campo pedagógico, Solé propõe atividades práticas e sugestões didáticas voltadas à promoção da leitura estratégica. Ela defende que o ensino da leitura deve envolver diferentes tipos de textos e situações

reais de leitura, favorecendo a autonomia dos alunos e estimulando a autorregulação dos processos de compreensão.

O livro, além de fundamentado teoricamente, é marcado por uma linguagem clara e acessível, o que o torna útil tanto para professores em formação quanto para profissionais já atuantes. Em suma, *Estratégias de leitura* é uma obra de referência no campo da educação, especialmente no que se refere ao ensino da compreensão leitora. Ao aliar teoria e prática, Solé contribui para uma concepção de leitura mais ampla, crítica e centrada no desenvolvimento do leitor como sujeito ativo na construção do conhecimento.

O processo de leitura, sob as perspectivas do sociointeracionismo e do construtivismo, é compreendido como um fenômeno dinâmico e interativo, no qual o leitor não apenas decodifica palavras e frases, mas também interage com o texto, construindo sentidos a partir de suas experiências e do contexto social em que está inserido. Ambas as abordagens enfatizam a importância da interação social, da mediação e da construção ativa do conhecimento, mas com algumas diferenças em suas ênfases teóricas.

O sociointeracionismo, fundamentado principalmente pelas ideias de Lev Vygotsky, destaca a leitura como um processo que ocorre por meio da interação social. Para Vygotsky (1984), o conhecimento é sempre socialmente construído, e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo depende das interações que ele mantém com outras pessoas em seu contexto cultural. No processo de leitura, a interação entre o leitor e o texto é mediada por ferramentas cognitivas, como a linguagem, e por práticas sociais de leitura que envolvem conversas, discussões e interpretações compartilhadas. Assim, a leitura não é vista como um processo individual, mas como uma atividade que se dá em um contexto sociocultural, onde o aprendizado ocorre de maneira colaborativa, sendo enriquecido pelas experiências, conhecimentos prévios e construções coletivas. Vygotsky (1984) argumenta que o desenvolvimento da leitura depende das interações mediadas por outros mais experientes, que ajudam o leitor a avançar para níveis mais complexos de compreensão.

Por outro lado, o construtivismo de Jean Piaget e Emília Ferreiro coloca a ênfase no processo de construção ativa do conhecimento, em que o leitor é visto como um sujeito ativo na construção de significados. De acordo com Piaget (1973), o indivíduo constrói suas representações mentais e cognitivas por meio da interação com o ambiente e a resolução

de problemas. A leitura, nesse contexto, é um processo em que o leitor constrói o significado de um texto de acordo com suas experiências e estruturas cognitivas pré-existentes. Para Ferreiro (1997), a alfabetização e a leitura devem ser vistas como processos ativos de construção do conhecimento, onde a criança não é um receptor passivo de informações, mas um sujeito que ativa seus conhecimentos anteriores para interpretar e fazer sentido do texto.

Ambas as perspectivas têm em comum a ideia de que a leitura não se resume à decodificação de palavras, mas envolve a construção de sentidos a partir da interação do leitor com o texto e com seu contexto social. No entanto, enquanto o sociointeracionismo enfatiza o papel das interações sociais e culturais no desenvolvimento da leitura, o construtivismo foca mais na construção individual de significados, considerando o papel ativo do sujeito na aquisição e desenvolvimento das habilidades leitoras.

Em outras palavras, sob a ótica do construtivismo e do sociointeracionismo, a leitura é compreendida como um processo ativo, dialógico e contextualizado, no qual o sujeito constrói significados a partir da interação com o texto, com o meio e com os outros. No construtivismo, especialmente a partir das contribuições de Jean Piaget, entende-se que o leitor não é um simples receptor passivo de informações, mas sim um sujeito que reconstrói o conteúdo textual com base em seus esquemas mentais prévios, promovendo uma aprendizagem significativa. A leitura, nesse sentido, envolve a assimilação e a acomodação de novos conhecimentos, sendo parte essencial do desenvolvimento cognitivo (Piaget, 1973).

Entretanto, sob o enfoque do sociointeracionismo, influenciado pelas ideias de Lev Vygotsky, a leitura é vista como uma prática social mediada pela linguagem, pelas interações sociais e pelos instrumentos culturais. Para Vygotsky (2001), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a linguagem e a leitura, ocorre inicialmente no plano social – nas relações interpessoais – e depois se internaliza, tornando-se parte do pensamento individual.

A leitura, portanto, se constitui em um processo mediado por outros sujeitos, como professores, colegas e familiares, e é profundamente influenciada pelo contexto histórico, cultural e social em que o leitor está inserido. Nessa perspectiva, a escola tem um papel fundamental ao proporcionar situações de interação com diferentes gêneros textuais, promovendo práticas de leitura que desenvolvam não apenas habilidades técnicas, mas também a construção de sentidos e a criticidade. Assim, a leitu-

ra vai além do simples decodificar de palavras, tornando-se um ato de compreensão, reflexão e posicionamento diante do mundo.

5. Sobre Metodologias para o Ensino da Leitura

O processo de ensino e aprendizagem está diretamente relacionado às metodologias utilizadas em sala de aula. Ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve estratégias que promovam a construção ativa do conhecimento por parte do aluno. Nesse sentido, diferentes métodos de ensino vêm sendo desenvolvidos para atender às necessidades dos estudantes, considerando seus contextos socioculturais, estilos de aprendizagem e ritmos individuais.

Entre os métodos mais conhecidos estão o tradicional, centrado na figura do professor como transmissor de saber; o construtivista, que valoriza a construção do conhecimento pelo aluno em interação com o meio, conforme defendido por Piaget; e o sociointeracionista, que enfatiza o papel da linguagem e da mediação no desenvolvimento cognitivo, a partir das ideias de Vygotsky. Além disso, métodos ativos de aprendizagem, como projetos, resolução de problemas e aprendizagem baseada em competências, têm ganhado espaço por promoverem maior engajamento dos alunos e desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas.

Aprender, portanto, é um processo dinâmico que exige envolvimento, curiosidade e interação. A prática pedagógica precisa considerar metodologias que respeitem a diversidade dos sujeitos e que favoreçam a autonomia, o pensamento crítico e a aplicação do conhecimento em contextos reais. Para tanto, é fundamental que o educador seja também um aprendiz contínuo, aberto a inovações e atento aos avanços teóricos e tecnológicos que impactam a educação. A aplicação de estratégias diversificadas pode potencializar a alfabetização. Algumas abordagens incluem:

O método fônico: Baseado na relação entre fonemas e grafemas, esse método enfatiza a consciência fonológica como um passo fundamental para a leitura e escrita. Estudos de Stanislas Dehaene (2012) mostram que a aquisição da leitura envolve o treinamento das áreas cerebrais responsáveis pelo reconhecimento fonético e pela associação entre sons e letras. Essa abordagem é eficaz na superação de dificuldades iniciais da alfabetização, promovendo uma leitura mais fluente e automatizada.

- **A abordagem socioconstrutivista:** Inspirada em teóricos como Lev Vygotsky (1984), essa perspectiva vê a alfabetização como uma prática social. A interação com textos e discursos diversos é essencial para o desenvolvimento das habilidades leitoras. Ferreiro e Teberosky (1985) defendem que a escrita não é simplesmente ensinada, mas construída pela criança a partir de seu contato com o ambiente letrado. Esse método enfatiza a participação ativa dos alunos e a utilização de textos autênticos para promover um aprendizado significativo.
- **O ensino explícito de estratégias de compreensão textual:** Pesquisadores como Isabel Solé (1998) destacam a importância do ensino direto de estratégias para a compreensão leitora, como a inferência, a formulação de hipóteses e a identificação de ideias principais. Esse método ajuda os alunos a desenvolverem autonomia na leitura, tornando-os leitores mais críticos e proficientes. O ensino dessas estratégias pode ocorrer por meio de atividades guiadas, como a leitura compartilhada e o uso de perguntas reflexivas.

6. A consciência fonológica como método para a alfabetização.

A consciência fonológica pode ser compreendida como a capacidade de refletir e manipular os sons da fala, reconhecendo unidades sonoras como sílabas, rimas e fonemas. Essa habilidade é considerada fundamental no processo de alfabetização, especialmente em línguas alfabéticas como o português, em que a escrita representa os sons da fala. Ao ser utilizada como método para alfabetização, a consciência fonológica não se limita a uma técnica complementar, mas passa a ocupar o centro da prática pedagógica. Nessa abordagem, as crianças são estimuladas, desde o início, a perceber os sons das palavras, segmentá-las em sílabas e fonemas, identificar rimas, aliterações e realizar atividades de substituição, exclusão e inserção de sons. Essas práticas desenvolvem, de forma lúdica e progressiva, a capacidade de compreender a alfabetização

Autores como Artur Gomes de Morais (1997) e Luiz Carlos Cagliari (2009) defendem esse enfoque por considerarem que o domínio do princípio alfabético – isto é, entender que há uma correspondência entre fonemas e grafemas – é condição essencial para que a criança avance na leitura e na escrita com autonomia e consciência. Para eles, métodos que ignoram essa etapa, como o silabário tradicional, dificultam a aprendiza-

gem e tendem a gerar memorização mecânica e dificuldades futuras na compreensão de textos. Portanto, usar a consciência fonológica como método significa ensinar a criança a escutar, comparar, segmentar e manipular sons antes mesmo de apresentar formalmente as letras. Esse processo favorece não só a decodificação da escrita, mas também a fluência, a ortografia e a compreensão textual, pois a criança compreende a estrutura sonora da linguagem oral, e transfere esse conhecimento para o domínio da linguagem escrita. Essa abordagem é particularmente eficaz na alfabetização de crianças pequenas e também de alunos com dificuldades de aprendizagem, dislexia ou defasagem escolar. Por isso, muitas propostas curriculares contemporâneas, como as previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recomendam a inclusão de atividades de consciência fonológica desde a Educação Infantil.

A consciência fonológica, definida como a capacidade de refletir sobre a estrutura sonora da linguagem, constitui um dos mais relevantes precursores da alfabetização (Moraes, 1997; Dehaene, 2012). Trata-se de um conjunto de habilidades metalinguísticas que envolve o reconhecimento de rimas, aliterações, sílabas e fonemas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que, desde a Educação Infantil, as práticas pedagógicas devem favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e a familiarização com os sons da fala, entendidos como fundamentais para a futura compreensão do sistema de escrita alfabética (Brasil, 2017).

Para isso, é recomendável o uso de atividades lúdicas, rítmicas e interativas que despertem nas crianças a atenção aos aspectos sonoros das palavras. Estudos como os de Moraes (1997) demonstram que jogos fonológicos têm impacto direto na capacidade de segmentação e manipulação fonêmica, habilidades indispensáveis à alfabetização. Dehaene (2012), ao discutir os “neurônios da leitura”, reforça que o cérebro humano precisa estabelecer conexões entre grafemas e fonemas, e que esse processo é mais eficiente quando a criança já dispõe de consciência fonológica bem desenvolvida.

Assim, atividades lúdicas como brincadeiras com rimas e aliterações, utilizando parlendas e músicas, ajudam as crianças a identificar palavras com sons semelhantes. O jogo de segmentação silábica com palmas desenvolve a percepção rítmica e a consciência das partes que compõem as palavras. A caça ao som inicial promove a discriminação auditiva ao identificar objetos com o mesmo som inicial. Já a contação de histórias com foco em sons repetitivos estimula a atenção aos padrões sono-

ros. Por fim, o jogo de troca de fonemas trabalha a habilidade de manipular sons, como transformar “pato” em “gato”.

Tais atividades não apenas cumprem as diretrizes da BNCC, como também são respaldadas por evidências empíricas sobre a importância da consciência fonológica no processo de aquisição da leitura (Adams, 1990; Dehaene, 2012). Ao promover práticas contextualizadas e interativas, o professor estimula o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças, respeitando suas etapas de desenvolvimento e favorecendo a construção significativa do conhecimento.

Assim sendo, a consciência fonológica constitui um dos pilares essenciais para o sucesso no processo de alfabetização, sendo definida como a habilidade de refletir sobre os sons da fala, reconhecendo e manipulando unidades sonoras como sílabas, rimas e fonemas. Essa habilidade é fundamental para que a criança compreenda a lógica do sistema alfabético de escrita, em que há uma correspondência entre os sons da fala (fonemas) e as letras (grafemas). A relação entre consciência fonológica, fonética e fonologia é direta e significativa, pois a alfabetização envolve o domínio tanto dos aspectos físicos da produção sonora quanto das representações mentais e funcionais dos sons na língua.

Do ponto de vista da Fonética, é necessário que o aluno perceba e discrimine auditivamente os sons da fala, desenvolvendo uma escuta sensível às variações de timbre, intensidade e articulação dos sons. Essa percepção fonética é essencial para a formação da consciência fonológica, pois permite à criança segmentar palavras em sílabas e sons, comparar unidades sonoras e identificar semelhanças e diferenças acústicas. Já a Fonologia contribui com a compreensão de que esses sons têm valor distintivo no sistema linguístico, isto é, que a substituição de um fonema pode alterar o significado de uma palavra (como em “pato” e “gato”). Assim, o conhecimento fonológico permite à criança compreender que a escrita codifica a estrutura fonêmica da língua.

Pesquisas na área da Psicolinguística e da Linguística Aplicada têm demonstrado que o desenvolvimento da consciência fonológica é um forte preditor do sucesso na leitura e na escrita. De acordo com Moraes (1997), ensinar explicitamente às crianças a segmentar e manipular os fonemas facilita a apropriação do sistema alfabético. Magda Soares (2004), por sua vez, destaca que, embora a alfabetização deva ir além da decodificação, é imprescindível que a criança compreenda como a linguagem escrita se relaciona com a linguagem oral, o que requer consci-

ência fonológica. Essa compreensão favorece a autonomia leitora e o domínio das operações de leitura e escrita.

A consciência fonológica, portanto, deve ser estimulada de maneira sistemática no início da alfabetização, por meio de atividades orais, lúdicas e significativas, que envolvam rimas, aliterações, segmentação e substituição de fonemas. Ao articular a reflexão sobre os sons da fala com a prática de leitura e escrita, o educador proporciona uma aprendizagem mais eficaz e consciente, que respeita o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança. A interrelação com os estudos da Fonética e da Fonologia reforça a necessidade de uma formação docente sólida, capaz de integrar teoria linguística.

A obra *Linguagem e escrita: relações e implicações para o ensino*, de Artur Gomes de Morais (1997), apresenta-se como uma leitura fundamental para educadores, pesquisadores e profissionais da linguagem interessados nos processos de alfabetização e no ensino da leitura e da escrita. Com linguagem clara e argumentação sólida, o autor dialoga com estudos da Psicogênese da Língua Escrita, da Psicolinguística e da Linguística Aplicada, buscando compreender como se dá a apropriação do sistema de escrita alfabética pelas crianças. Morais defende a ideia de que o sucesso da alfabetização está diretamente ligado ao desenvolvimento da consciência fonológica, em especial da consciência fonêmica, que é a capacidade de segmentar a fala em seus menores sons (os fonemas) e relacioná-los com suas representações gráficas (as letras). Essa habilidade, segundo o autor, é construída gradativamente e deve ser incentivada por meio de práticas pedagógicas reflexivas e sistemáticas. Ele sustenta que a criança precisa entender que a escrita é um sistema de representação da fala, e que dominar esse código exige não apenas reconhecimento visual de letras, mas também consciência dos sons que elas representam.

A obra *Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu*, de Luiz Carlos Cagliari (2009), propõe uma profunda crítica aos métodos tradicionais de alfabetização baseados na repetição mecânica de sílabas, como o silabário ba-be-bi-bo-bu, ainda comum em muitas salas de aula. O autor, com sólida formação em Linguística e fonologia, defende uma abordagem mais científica e eficiente, ancorada na compreensão do funcionamento real da língua portuguesa e dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita.

Cagliari (2009) argumenta que o método silábico tradicional não respeita a estrutura fonológica da língua, tampouco os mecanismos cognitivos de apropriação da linguagem escrita. Ao ensinar sílabas artificiais e isoladas, desprovidas de sentido comunicativo, o processo se torna mecânico, sem conexão com a realidade linguística das crianças. Em vez disso, o autor propõe que o ensino da alfabetização parta da consciência fonêmica e da compreensão das relações entre os sons da fala (fonemas) e suas representações gráficas (grafemas), baseando-se na estrutura alfabética da escrita.

Um dos aspectos mais relevantes do livro é sua fundamentação teórica na Fonética e na Fonologia, áreas da Linguística que tratam da produção e da organização dos sons da linguagem. Cagliari mostra que é possível – e necessário – alfabetizar as crianças com base no reconhecimento e manipulação dos sons da fala, antes mesmo do uso de letras ou sílabas. A partir desse conhecimento, as crianças podem compreender como os fonemas se articulam para formar palavras e como essas palavras são representadas graficamente, construindo um entendimento lógico e reflexivo do sistema de escrita.

A proposta do autor é favorecer um processo de alfabetização mais significativo, baseado em atividades lúdicas e interativas que envolvam escuta, percepção sonora, segmentação fonêmica e associação com as letras. Ao invés de decorar combinações silábicas, a criança aprende a pensar sobre os sons e as palavras que compõem seu cotidiano, o que fortalece tanto sua leitura quanto sua escrita. Outro ponto positivo da obra é o olhar crítico para o papel do professor. Cagliari reconhece que mudar a prática pedagógica exige não apenas conhecimento técnico, mas também mudança de concepções enraizadas na tradição escolar. Por isso, o autor dialoga diretamente com os docentes, oferecendo argumentos claros, exemplos práticos e propostas de atividades coerentes com a teoria linguística e a prática em sala de aula.

7. O método sociolinguístico no processo de alfabetização

O método sociolinguístico de alfabetização parte do princípio de que a linguagem é um fenômeno social, histórico e cultural, e que o processo de aprender a ler e a escrever está profundamente vinculado às práticas de uso da língua no cotidiano dos sujeitos. Essa abordagem rompe com a concepção tradicional de alfabetização centrada exclusivamente na decodificação de letras e sílabas, ao considerar que a aprendizagem da

língua escrita deve estar inserida em contextos comunicativos reais e significativos, respeitando a diversidade linguística e cultural dos alunos.

Inspirado pela Sociolinguística e pela Linguística Aplicada, o método sociolinguístico reconhece que a linguagem varia conforme o grupo social e o contexto comunicativo, valorizando as formas de falar e escrever dos alunos como ponto de partida para o ensino. Autores como Magda Soares (2004) e Artur Gomes de Morais (2007) defendem que a alfabetização deve estar articulada ao letramento, por meio do uso social da linguagem escrita em situações reais. Assim, propõe-se o trabalho com gêneros textuais significativos e a valorização das variedades linguísticas presentes na sala de aula, promovendo o diálogo com a norma padrão. Essa abordagem respeita os saberes prévios dos estudantes e contribui para formar leitores e escritores críticos, capazes de atuar em diferentes contextos sociais.

8. Conclusão

O processo de alfabetização e letramento não deve ser reduzido a práticas mecânicas ou descontextualizadas. Com base no construtivismo e no sociointeracionismo, entende-se que a criança é um sujeito ativo na construção do conhecimento, desenvolvendo hipóteses e atribuindo sentido à linguagem escrita desde cedo (Ferreiro; Teberosky, 1999; Piaget, 1973). Vygotsky (2001) reforça a importância das interações sociais e culturais nesse processo, enquanto Dehaene (2012), a partir da neurociência, demonstra como o cérebro se adapta à leitura por meio da reorganização de circuitos neurais, o que exige metodologias intencionais. Autores como Morais (1997; 2007) e Soares (2004; 2010) propõem uma alfabetização que integre o domínio do código à vivência social da linguagem, em consonância com a BNCC (Brasil, 2017), que valoriza práticas contextualizadas e críticas.

Além disso, a leitura e a escrita devem ser vistas como práticas sociais e ideológicas, capazes de transformar a realidade (Freire, 1996; Bakhtin, 1981; Foucault, 1969). Nesse cenário, as tecnologias digitais emergem como aliadas no processo de alfabetização, favorecendo a consciência fonológica, a fluência, a produção textual e a motivação para aprender. Pesquisadores como Coscarelli e Ribeiro (2017) e Soares (2010) defendem que a integração entre alfabetização e cultura digital amplia as possibilidades de aprendizagem e exige uma formação docente

crítica, capaz de utilizar esses recursos de forma pedagógica e significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Marilyn J. *Beginning to read: thinking and learning about print*. Cambridge: MIT Press, 1990.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo: Scipione, 2009.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Luiz Percival Leme Britto. *Alfabetização digital: letramento e tecnologia na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Proust, 2012.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 23. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1969.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KANDEL, Eric R. *et al. Neurociência: explorando o cérebro*. 4. ed. São Paulo: AMGH, 2014.

KINTSCH, Walter. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KLEIMAN, Ângela B. *Letramento e políticas públicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de. *Alfabetização e letramento: uma nova perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Linguagem e escrita: relações e implicações para o ensino*. São Paulo: Ática, 1997.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1973.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Letramento e alfabetização: tendências atuais*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Novas práticas de letramento: letramento autêntico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.